

AO LEITOR

Por enquanto, poucos intellectuais, na Terra, são suscetíveis de considerar a possibilidade de escreverem um livro, depois de "mortos". Eu mesmo, em toda a bagagem de minha produção literaria, no mundo, nunca deixei transparecer qualquer laivo de crença, nesse sentido. Apegando-me ao resignado materialismo dos meus ultimos tempos, desalentado em face dos problemas transcendentales do Além-Tumulo, não tive coragem de enfrenta-los, como, um dia, fizeram Medeiros e Albuquerque e Coelho Netto, receiosos do fracasso de que deram testemunho, como marinheiros inquietos e imprudentes, regressando ao porto árido dos preconceitos humanos, mal se haviam feito de vela ao grande oceano das expressões fenomenicas da doutrina, onde os espiritas sinceros, desassombrados e incompreendidos, são aqueles arrojados e rudes navegadores da Escola de Sagres que, á força de sacrificios e abnegações, acabaram suas atividades descobrindo um novo

continente para o mundo, dilatando as suas esperanças e santificando os seus trabalhos.

Dentro da sinceridade que me caracterizava, não perdi ensejos para afirmar as minhas dúvidas, expressando mesmo a minha descrença acerca da sobrevivência espiritual, desacomodado de qualquer possibilidade de viver além dos meus ossos e das minhas células doentes...

É verdade que os assuntos de Espiritismo seduziam a minha imaginação, com a perspectiva de um mundo melhor do que esse, onde todos os sonhos das criaturas caminham para a morte; sua literatura fascinava o meu pensamento com o magnetismo suave da esperança, mas a fé não conseguia florescer no meu coração de homem triste, sepultado nas experiências difíceis e dolorosas. Os livros da doutrina eram para o meu espírito como soberbos poemas de um idealismo superior do mundo subjetivo, sem qualquer feição de realidade prática, onde afundava as minhas faculdades de análise nas ficções encantadoras; suas promessas e a sua mística de consolos eram o brando anestésico que conseguia aliviar muitos corações infortunados e doloridos, mas o meu era já inacessível à atuação do sedativo maravilhoso e o pior enfermo é sempre aquele que já experimentou a ação de todos os específicos conhecidos.

Em 1932, um dos meus companheiros da Academia de Letras solicitou a minha atenção para o texto do "Parnaso de Além-Túmulo". As rimas do outro mundo enfileiravam-se com a sua pureza originária nessa antologia dos mortos, através da mediunidade de Francisco Xavier, o caixeiro humilde de Pedro Leopoldo, impressionando os conhecedores das expressões estilares da língua portuguesa. Por minha vez, procurei ouvir a palavra de Augusto de Lima, com respeito ao facto insólito, mas o meu grande amigo esquivou-se ao assunto, afirmando:

— "Certamente, entre as novidades de minha terra, Pedro Leopoldo concorre com um novo Barão de Munkausen."

A verdade, porém, é que pude atravessar as águas pesadas e escuras do Aqueronte e voltar do mundo das sombras, testemunhando a grande e consoladora verdade. É incontestável que nem todos me puderam receber, segundo as realidades da sobrevivência. A visita de um "morto", na maioria das hipóteses, constitui sempre um facto inoportuno e desagradável. Para os vivos, que pautam a sua existência no pentagrama das convenções sociais, o morto com as suas verdades será invariavelmente um fantasma importuno e temos de acomodar os imperativos da lógica às concepções do tempo em que se vive.

Feitas essas considerações, eis-me frente

ao leitor, com um livro de crônicas de alémtumulo.

Desta vez, não tenho necessidade de mandar os originais de minha produção literaria á determinada casa editora, obedecendo a dispositivos contratuais, ressaltando-se a minha estima sincera pelo meu grande amigo José Olympio. A lei já não cogita mais de minha existencia, pois, do contrario, as atividades e os possiveis direitos dos mortos representariam uma séria ameaça á tranquilidade dos vivos.

Enquanto aí consumia o fosfato do cerebro para acudir aos imperativos do estomago, posso agora dar o volume sem retribuição monetaria. O medium está satisfeito com a sua vida singela, dentro da pauta evangelica do "dai de graça o que de graça recebestes" e a Federação Espirita Brasileira, instituição veneravel que o Prefeito Pedro Ernesto reconheceu de utilidade publica, cuja Livraria vai imprimir o meu pensamento, é sobejamente conhecida no Rio de Janeiro, pelas suas respeitaveis finalidades sociais, pela sua assistencia aos Necessitados, pelo seu programa cristão, enfim, cheio de renuncias e abnegações santificadoras.

Aí está o livro com a minha lembrança humilde. Que ele possa receber a benção de Deus, constituindo um conforto para os aflitos e para os tristes do microcosmo onde vivi sobre a Terra.

Que não se precipitem em suas apreciações os que não me puderem compreender. A morte será a mesma para todos. A cada qual será reservado um bungalow subterraneo e a sentença clara da justiça celeste. Quanto aos espiritos superiores da critica contemporanea, cristalizados nas concepções da época, que esperem pacientemente pelo Juizo Final, com as suas milagrosas revelações. Não serei eu quem lhes vá esclarecer o entendimento, contando quantos pares de meia usei em toda a vida, eu descobrindo o numero exato de seus anos, através de mesas festivas e alegres. Aguardem com calma o toque de reunir das trombetas de Josaphat.

HUMBERTO DE CAMPOS

25 de Junho de 1937.